



A IMPORTÂNCIA DO OLHAR NA TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA DE FALA

Palavras-Chave: FONOAUDIOLOGIA; OLHAR; MULTIMODALIDADE

Autores(as):

ANNA LAURA SOLDATI, FCM – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. IRANI RODRIGUES MALDONADE (orientadora), FCM - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O conceito de multimodalidade na aquisição da linguagem surgiu das premissas de David McNeill (1985), que concebe a linguagem como uma combinação de gestos e vocalizações na interação, não podendo eles serem analisados isoladamente. Tomasello (2003, 2007) e Kendon (1982) aprofundaram o conceito e posteriormente, Nóbrega e Cavalcante (2015) propuseram o Envelope Multimodal, que conecta gestos, produções vocais e o olhar nas interações mãe-bebê, evidenciando a simultaneidade desses aspectos.

Antes do termo "Multimodalidade", estudos sobre comunicação não verbal prepararam o terreno para esse conceito. Nos anos 50, Jurgen Ruesch e Weldon Kees foram pioneiros com "Non-verbal communication: notes of the visual perception of humans relations". Na década de 1980, novos estudos começaram a analisar aspectos específicos da comunicação não verbal, percebendo que os elementos comunicativos são mais eficazes quando usados em conjunto. Este termo tornou-se frequente recentemente na Aquisição de Linguagem. No Brasil, Cavalcante, Ávila-Nóbrega adotam tal perspectiva dando destaque ao gesto (e não só a fala) na interação com crianças, abordando uma lacuna na literatura sobre a coexistência de gestos, olhar e produções verbais no desenvolvimento linguístico (Nóbrega e Cavalcante, 2015).

Cavalcante (2009) mostrou a multimodalidade na díade mãe-bebê, onde aspectos não verbais complementam a fala. À medida que a criança amadurece, o uso linguístico se transforma, adaptando a frequência de gestos, vocalizações e olhares. A interação é melhor compreendida com uma perspectiva multimodal, revelando a relação da criança com a linguagem (Nóbrega e Cavalcante, 2015; Maldonade e Pereira, 2022).

Nóbrega (2015) identifica o olhar como parte essencial do Envelope Multimodal nas interações mãe-bebê, compondo a sua relação com os gestos e as produções vocais na interação. Para Bellini e Fernandes (2007), o olhar tem uma função psíquica essencial desde o início da vida, facilitando a criação de vínculos e uma maior compreensão da fala dentro do contexto terapêutico fonoaudiológico.

METODOLOGIA:

Este estudo é um recorte da pesquisa "Considerações sobre as intervenções do fonoaudiólogo na terapia fonoaudiológica", aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (CAAE: 36395020.2.0000.5404), com abordagem qualitativo-quantitativa de corte transversal.

A amostra consiste nas gravações e transcrições de 8 sessões de terapias fonoaudiológicas realizadas no Ambulatório de Avaliação e Terapia Fonoaudiológica do Cepre/ Unicamp, conduzidas pela

fonaodíloga residente do Programa de Residência Multiprofissional da FCM. O consentimento formal foi obtido dos responsáveis legais das crianças atendidas, e uma autorização adicional foi solicitada ao Comitê de Ética para análise adicional dos dados.

O estudo foi precedido por uma revisão bibliográfica atualizada dos últimos cinco anos, incluindo dissertações, teses e artigos relevantes. Os vídeos das 8 sessões, sendo 4 de cada um dos dois pacientes, foram recebidos em pendrive, com transcrições realizadas por Karina Garcia Lopes-Pereira. Os nomes dos pacientes são fictícios. Usando o software ELAN, foram adicionadas trilhas para registrar a direção do olhar durante a ocorrência dos erros e tentativas de autocorreções na fala das crianças. Foram consideradas tentativas de autocorreção quaisquer produções da mesma palavra ou frase após serem instigadas pela terapeuta a repetir usando o modelo dado por ela ou tentar se corrigir sozinhas. Os erros já estavam marcados na trilha *Produção Oral* do paciente, e as correções foram identificadas por intervenções da terapeuta.

Para registrar a direção do olhar foram acrescentadas as seguintes siglas: "OBJ" para olhar ao objeto/ambiente, "AT" para olhar à terapeuta, e "DESVIADO" para olhar desviado. Os momentos de erro ou autocorreção em que não foi possível observar a direção do olhar através das filmagens das sessões foram marcados como "Fora de quadro". Após as marcações, os arquivos foram salvos em formato ".csv" e analisados no Google Sheets.

Os vídeos foram transcritos e anotados detalhadamente, registrando cada instância de erro e autocorreção, bem como a direção do olhar da criança nesses momentos. A análise quantitativa foi complementada por uma análise qualitativa, em que os padrões identificados foram interpretados no contexto das interações terapêuticas.

As sessões de terapia foram selecionadas para incluir uma variedade de atividades e interações, garantindo que os dados refletissem uma ampla gama de comportamentos visuais. Porém, é importante ressaltar que o estudo enfrentou limitações devido ao uso de máscaras e distanciamento social durante a pandemia de COVID-19, o que pode ter afetado a leitura de expressões faciais durante as sessões (Souza et al., 2021; Barros et al., 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Dados encontrados

A seguir, as tabelas apresentam os dados encontrados nas sessões analisadas por meio do software ELAN. Essas tabelas foram estruturadas para proporcionar uma compreensão clara das relações entre as variáveis estudadas, incluindo o número total de produções, erros e correções, bem como as direções do olhar de cada uma das crianças, em ambas as situações.

A Tabela 1 detalha o olhar dos pacientes no momento do erro, quantificando os olhares direcionados ao objeto, desviados, diretos à terapeuta e fora de quadro. Além disso, mostra o total de produções verbais feitas por cada paciente, incluindo as produções com erro e as corretas, para fins de comparação. Enquanto a Tabela 2, por sua vez, concentra-se no momento da autocorreção, registrando as mesmas direções do olhar. A análise desses dados permite identificar padrões de comportamento visual que podem influenciar a eficácia das intervenções terapêuticas.

	Luísa	Erick
Olhar Paciente no Erro - Objeto	581	205
Olhar Paciente no Erro - Desviado	27	23
Olhar Paciente no Erro - Direto à Terapeuta	118	29
Olhar Paciente no Erro - Fora de Quadro	0	12
Total de Erros	726	269
Total de Produções	1068	280
Produções Corretas	342	11

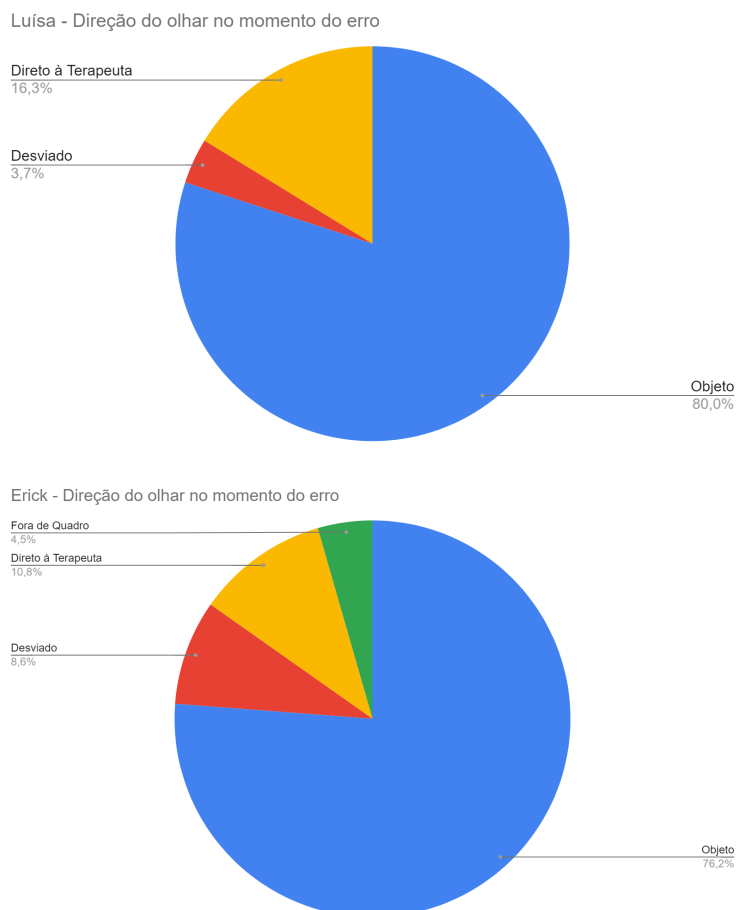
Tabela 1. Quantificação das produções verbais e direção do olhar no momento do erro

	Luísa	Erick
Olhar ao objeto	124	52
Olhar desviado	14	2
Olhar direto à terapeuta	51	16
Fora de quadro	0	2
Total de correções	189	72

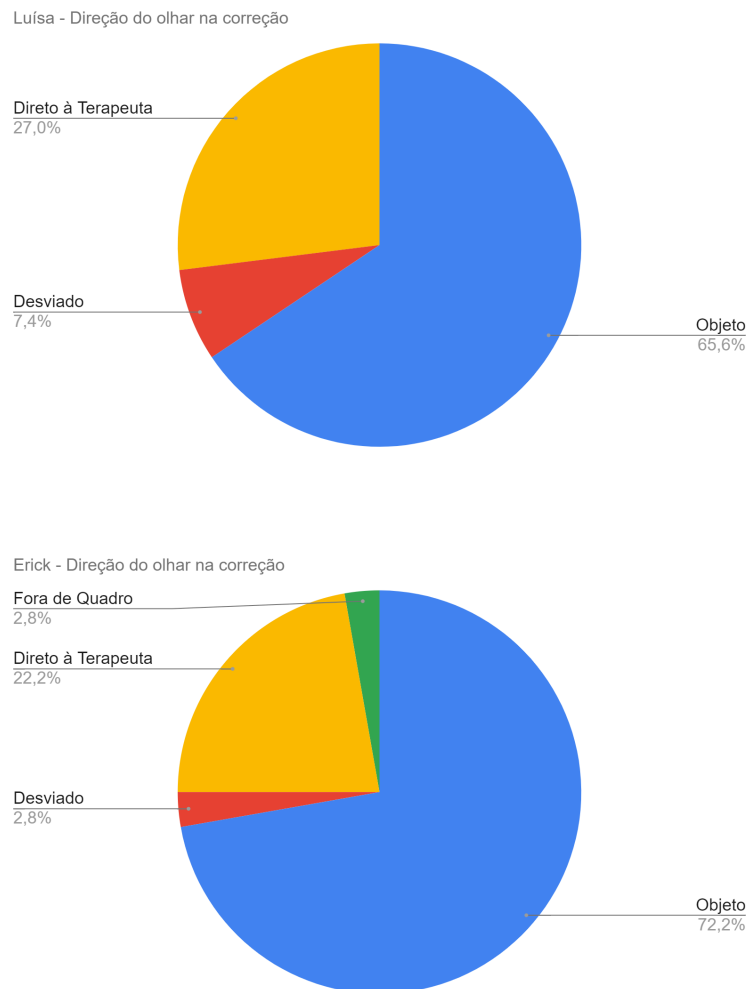
Tabela 2. Direção do olhar no momento da autocorreção

Análise da Direção do Olhar

Ambos os pacientes mostraram uma forte tendência a olhar para o objeto durante os erros (Luísa: 80.03%, Erick: 76.21%). Esse padrão sugere que as crianças buscam referências visuais para ajudar na autocorreção. O contato visual direto com a terapeuta foi menos frequente (Luísa: 16.25%, Erick: 10.78%), o que pode indicar uma dificuldade em buscar apoio direto do terapeuta durante erros (Cavalcante, 2012-2017; Maldonade, 2016).



Durante a autocorreção, o olhar ao objeto também predominou (Luísa: 65.61%, Erick: 72.22%), o que pode indicar que os pacientes continuam a buscar informações visuais para corrigir erros. Luísa mostrou mais olhares desviados (7.41%) em comparação a Erick (2.78%), sugerindo variações individuais entre os pacientes. O contato visual direto com a terapeuta foi relativamente baixo (Luísa: 26.98%, Erick: 22.22%), indicando a necessidade de maior engajamento visual (Maldonade e Pereira, 2022; Maldonade, 2016).



Impacto do Olhar na Terapia Fonoaudiológica

Luísa demonstrou um desempenho superior em relação às produções verbais corretas (32.02%) comparado às de Erick (3.93%). Além disso, Luísa teve mais olhares diretos à terapeuta durante as correções, o que pode ter contribuído para seu melhor desempenho, visto que menos olhar desviado e mais contato visual direto parecem indicar um melhor engajamento na terapia. Em contrapartida, apesar de Erick ter uma tendência similar a Luísa em olhar para o objeto, sua baixa frequência de olhar direto à terapeuta pode ter limitado seu progresso. A falta de contato visual pode ter impactado a eficácia das correções (Cavalcante, 2012-2017; Maldonade, 2019).

CONCLUSÕES:

Os resultados sugerem que a direção do olhar pode influenciar o desempenho na terapia fonoaudiológica. Ou seja, um maior contato visual direto à terapeuta possivelmente se associa a uma melhor comunicação e progresso. Estratégias para aumentar o engajamento visual com o terapeuta podem ser benéficas para melhorar a eficácia da terapia. É importante considerar o contexto e as

características individuais de cada paciente ao interpretar os dados dos pacientes (Bellini e Fernandes, 2007; Costa Filho e Cavalcante, 2009).

BIBLIOGRAFIA

ÁVILA-NOBREGA, Paulo Vinícius; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **O envelope multimodal em aquisição de linguagem: momento do surgimento e pontos de mudanças.** In: CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; FARIA, Evangelina Maria Brito de (Org.). *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade.* João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v. 1, p. 11-44.

BARROS, C. A. F.; OLIVEIRA, A. L. M.; SANTOS, A. M. **A influência do uso de máscaras faciais na percepção de expressões faciais e na comunicação durante a pandemia de COVID-19.** *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 21, n. 1, p. 45-64, 2021. DOI: 10.1590/1984-6398202128521.

BELINI, A. E. G.; FERNANDES, F. D. M. **Olhar de bebês em desenvolvimento típico: correlações longitudinais encontradas.** *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 12, n. 3, p. 165–173, jul. 2007.

COSTA FILHO, J. M. S.; CAVALCANTE, M. C. B. **Cenas de atenção conjunta: uma análise sobre o foco do olhar.** In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. *Anais da ABRALIN 40 anos.* João Pessoa: Idéia, 2009. v. 1, p. 2096.

MALDONADE, I. R.; PEREIRA, K. G. L. **Algumas considerações sobre as instâncias multimodais e a posição do terapeuta.** *Revista Cuardeno de La ALFAL*, n. 14 (2), p. 265-284, nov. 2022. DOI: 10.5935/2218-0761.2022014.

MALDONADE, I. R.; PEREIRA, K. G. L. **A multimodalidade nas intervenções fonoaudiológicas: variação prosódica no processo terapêutico.** *Estudos da Língua(gem)*, v. 20, n. 1, p. 219-234, 2022. DOI: 10.22481/el.v20i1.12080.

MALDONADE, I. R. **Erros no processo de aquisição da linguagem e a (in)flexibilidade pragmática: uma reflexão interacionista.** *Revista Lingüística*, v. 35, n. 2, p. 85-103, 2019. DOI: 10.5935/2079-312x.20190019.

MALDONADE, I. R. **Erros na fala da criança e instâncias subjetivas na sua relação com a língua.** *Estudos Linguísticos*. 2016; 45 (2): 397-410. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i2.785>

SOUZA, M. P.; SILVA, R. L. P.; GOMES, F. A. **Impactos da pandemia de COVID-19 nos serviços de fonoaudiologia: desafios e adaptações.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 3, p. e00245520, 2021. DOI: 10.1590/0102-311X00245520.